



WALTER BENJAMIN: REMEMORAÇÃO E IMAGEM DIALÉTICA

WALTER BENJAMIN: REMEMORATION AND DIALECTICAL IMAGES

PACHECO, Danilo Freire¹

<https://orcid.org/0000-0002-9886-5234>

SOUZA NETO, Manoel Gustavo de²

<https://orcid.org/0000-0002-2749-6881>

RESUMO: Experiência e rememoração são dois conceitos-chave na obra de Walter Benjamin, os quais estão subjacentes à sua análise da história, principalmente a partir da década de 1930. Os ensaios Experiência e pobreza (1933) e O narrador (1936), assinalam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como o momento decisivo do fim da experiência transmissível, uma vez que esta catástrofe deixou os indivíduos mais pobres de experiências, pois voltaram traumatizados e silenciados. Sob a influência da memória involuntária de Marcel Proust e da experiência do choque de Freud, Benjamin propõe uma nova ideia de história em que a relação entre passado e presente é realizada por meio das imagens dialéticas. Para tanto, a metodologia adotada é a hermenêutica gadameriana, pois visa examinar e relacionar as obras do autor, permitindo um detalhamento do objeto, situando-o no todo da cultura e da rede semântica. Desse modo, a problemática que guia o artigo é: será a rememoração capaz de operar como uma redenção da tradição histórica? Apontamos como resultado que a rememoração é a categorização de imagens que lampejam do passado, de modo que o historiador possa ser capaz de conectá-las transformando em cognoscibilidade, em atualização da imagem do passado em tempo-agora.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Rememoração; Walter Benjamin.

ABSTRACT: Experience and rememoration are two key concepts in Walter Benjamin's work, which underlie his analysis of history, especially from the 1930s on. The essays Experience and Poverty (1933) and The Narrator (1936), mark the First World War (1914-1918) as the decisive moment of the end of the transmittable experience, since this catastrophe left individuals poorer of experiences, as they returned traumatized and silenced. Under the influence of Marcel Proust's involuntary memory and Freud's shock experience, Benjamin proposes a new idea of history in which the relationship between past and present is realized through dialectical images. To this end, the methodology adopted is the Gadamerian hermeneutics, as it aims to examine and relate the author's works, allowing a detailing of the object, placing it in the whole of the culture and the semantic network. Thus, the problem that guides the article is: is remembrance capable of operating as a redemption of historical tradition? As a result, we point out that remembrance is the categorization of images that flash from the past, so that the historian can be able to connect them, transforming them into cognoscibility, into updating the image of the past in now-time.

KEYWORDS: Experience; Rememoration; Walter Benjamin.

1 Mestrando em História pelo PPGHIS/UEG. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Membro do Núcleo de Estudos em Teoria da História (NETH) e do Grupo de Pesquisa em História e Cinema (GEPEHCINE). E-mail: danillo.pacheco@aluno.ueg.br.

2 Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Prof. de Teoria e Metodologia da História na Universidade Estadual de Goiás Câmpus Norte – Sede: Uruaçu. Coordenador do Núcleo de Estudos em Teoria da História. E-mail: manojel.neto@ueg.br.

INTRODUÇÃO

O pensamento de Walter Benjamin (1892-1940)¹ é marcado pelo caleidoscópio de temas que perpassam toda sua obra: filósofo da linguagem, crítico da cultura e teórico da modernidade, crítico da arte e suas técnicas, tradutor e poeta. Apresenta-se também um Benjamin teórico da memória e conservador do passado (GAGNEBIN, 2014; CANTINHO, 2015). Este aspecto atravessa as reflexões do autor, nas quais as discussões epistemológicas e políticas formam uma constelação. A problematização que move a presente discussão é: Será a rememoração capaz de operar como uma redenção da tradição histórica?

A hipótese testada é que a rememoração é a categorização de imagens que lampejam do passado, de modo que o historiador possa ser capaz de conectá-las transformando em cognoscibilidade, em atualização da imagem do passado em tempo-de-agora (*Jetztzeit*). Os ensaios em que a rememoração é o âmago, como *A Imagem de Proust* (1929) e *Experiência e Pobreza* (1933), refletem e buscam entender o espaço-tempo que o autor vivenciou, a catástrofe produzida pelo desenvolvimento da técnica moderna, principalmente, o trauma (freudiano) dos indivíduos que voltaram da experiência das trincheiras.

No presente artigo, no que tange ao conceito de rememoração e à perda das experiências partilháveis, serão tomados como fonte *A Imagem de Proust* (1929), *Experiência e Pobreza* (1933) e *O Narrador* (1936). Sobre a categoria de imagens dialéticas, serão tomadas as teses *Sobre o conceito de história* (1940) e o convoluto N – “Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso” do *Passagens-Werk* (1982). A metodologia adotada nesta pesquisa será a hermenêutica, haja vista se tratar de projeto eminentemente teórico, cujo material consiste exclusivamente em obras de teoria social, filosofia e teoria da história. Busca-se através da exegese, examinar e relacionar as obras de Walter Benjamin, permitindo o detalhamento do objeto. Para isso será levada em conta a noção de círculo hermenêutico, proposta por Hans-Georg Gadamer, no sentido de situar o intérprete no mesmo plano do texto: no todo da cultura, da rede semântica que constitui a um só tempo texto e intérprete.

Com vistas à complexidade do pensamento do autor, o presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de rememoração e se este é capaz de intervir na tradição

1 O filósofo judeu alemão Walter Benjamin (1892-1940), foi um ensaísta, crítico literário e tradutor. Membro da Escola de Frankfurt, seus escritos são marcados por três fontes diferentes: romantismo alemão, messianismo judaico e o marxismo. Seus textos são carregados de alegorias, metáforas e iluminações, denominado de constelação. A concepção de história benjaminiana se baseia na crítica da tradição, na ruptura com a ideia de progresso iluminista, baseando no método revolucionário de crítica do presente (LÖWY, 2005; WITTE, 2017). Destacam-se as obras mais conhecidas: *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), *Sobre o conceito de História* (1940), *Passagens* (1982).

histórica, mas também demonstrar o surgimento do que Benjamin denomina de “imagens dialéticas”. Ao analisar a interação ou conexão entre passado e presente, seja nas teses *Sobre o conceito de história* ou no *Passagens-Werk*, examinar o passado historicamente não é concebê-lo “como ele de fato foi”, mas sim atualizá-lo. Este processo só pode ser realizado via caráter dialético, como afirma Benjamin: “para que um fragmento do passado seja tocado pela atualidade não pode haver qualquer continuidade entre eles”² [N 7, 7], no qual o fragmento tem que ser arrancado pela explosão do *continuum* e ser analisado no processo de seu devir, este trabalho é realizado pelo procedimento da rememoração.

REMEMORAÇÃO E O DECLÍNIO DA EXPERIÊNCIA

Para o dialético, o que importa é ter o vento da história universal [*Weltgeschichte*] em suas velas. Pensar significa para ele: içar as velas. O que é decisivo é como elas são posicionadas. As palavras são suas velas. O modo como são dispostas transforma-as em conceitos.
Benjamin, *Passagens-Werk*

Os ensaios *Experiência e pobreza* (1933) e *O narrador* (1936) são marcados por dois conceitos-chave: experiência e rememoração. Ao analisar os ensaios, não podemos examiná-los deslocados de seu tempo, pois trata-se da produção de um conhecimento sobre o presente em duas vertentes, a ascensão do nazifascismo na Europa no início do século XX, por um lado, e a perda das experiências partilháveis, por outro.

A rememoração atinge o ponto nevrálgico nas teses *Sobre o conceito de história* e no *Passagens-Werk*, onde se propõe que analisar o passado necessita de uma participação ativa do historiador materialista.³ A conexão entre o passado vivo e o presente ativo é denominado de “imagem dialética” (MATE, 2011), a qual nasce do processo de rememoração. A imagem é capital para a compreensão da história em Benjamin, que vê o passado esmiuçado em imagens de ideais, fragmentadas e dispersas. Passado que nunca será capturado como

2 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 779.

3 O historiador materialista, segundo Walter Benjamin, se apropria do tempo descontínuo, dos fragmentos, das ruínas e vestígios da história dos “grandes nomes”. Rompe com a ideia de reconstituir o passado em sua totalidade, como quer Wilhelm von Humboldt, no ensaio *Sobre a Tarefa do Historiador* (1821). Para Benjamin, o historiador materialista “nutre pelo ocorrido é, por um lado, sempre um interesse apaixonado pelo que já passou, pelo que está terminado e pelo totalmente morto. O pré-requisito indispensável para qualquer citação (vivificação) de partes deste fenômeno e de estar seguro, em geral e por inteiro, de seu caráter encerrado. Em uma palavra: para o interesse histórico específico – cuja legitimidade o historiógrafo materialista tem a incumbência de provar – precisa ser demonstrado, com sucesso, que se trata de um objeto que de forma inteira, efetiva e irrevogável, ‘pertence à história’” [J 76a, 4]. A tarefa do historiador, portanto, é de atualizar, transformando tudo em que toca em significação.

realmente aconteceu, perpassa como lampejos em direção ao presente.

A memória é *par excellence*, como afirma Jörn Rüsen, “permanência e resistência” (2009, p. 167), é a luta contra o esquecimento, em prol da preservação. A rememoração, por sua vez, é evocada desde o início da tradição ocidental, no qual se inscreve a poesia e o mito. Onde a representante é a deusa Mnemosine, a personificação da memória na mitologia grega. Como descreve Benjamin no ensaio O Narrador, a Mnemosine é,

aquela que recorda, era entre os gregos a musa da forma épica. Esse nome leva o observador de volta a uma encruzilhada histórica. Na verdade, se aquilo que a recordação registra – a historiografia – representa a indiferença criadora das várias formas épicas (tal como a grande prosa representa a indiferença criadora entre as diversas medidas do verso), então a sua forma mais antiga, a epopeia, integra por uma espécie de indiferença a narração e o romance (BENJAMIN, 2020b, p. 155)

A *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, exemplo *mister*, “cuja epopeia consiste justamente na rememoração das façanhas dos heróis gregos. Tanto o ritual funerário quanto o canto poético constituem modos de rememoração e de inscrição da mortalidade numa imortalidade colectiva, que é o solo da nossa tradição” (CANTINHO, 2015, p. 80), a rememoração, portanto, é modo pelo qual ritualiza e preserva o mito na “esfera da imortalidade”.

Nesse sentido, faz-se necessário apresentar a diferença entre memória e rememoração para Benjamin. Esta, a rememoração, é desenvolvida em um ensaio publicado em 1929, intitulado *A imagem de Proust*,⁴ abordando-a como uma “noção operatória fundamental para a análise da experiência humana” (CANTINHO, 2015, p. 80), analisando-a que se constitui através da experiência e narração, rompendo o *continnum* da história clássica. Benjamin aborda que a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido* (1930), analisa que este escreveu a “vida lembrada por quem a viveu” e não como ela de fato foi, pois:

O importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? **A memória involuntária, de Proust, não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de reminiscência.** Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós (BENJAMIN, 1987, p. 37) [Grifos do autor].

4 BENJAMIN, Walter. *A Imagem de Proust*. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 36-49.

Nota-se em Benjamin que o passado é analisado como *texto*, tecido todas as manhãs. No qual o modo da textura é constituído pelas reminiscências. Neste ensaio se destaca a dicotomia entre as concepções de memória voluntária e involuntária. Sérgio Paulo Rouanet (1981) afirma que a memória voluntária é “acionada pela inteligência, não consegue captar as dimensões essenciais do passado”. Retoma que as imagens do passado perpassam como lampejos para o presente, dado que, “somente a memória involuntária, consegue extrair do reservatório do inconsciente as impressões realmente significativas. [...] Porque é a única que mergulha suas raízes na experiência” (ROUANET, 1981, p. 48), sendo apenas através da rememoração a reconstrução da experiência.

Em *Limiar, aura e rememoração*, Jeanne Marie Gagnebin (2014) afirma que a rememoração remonta a tradição judaico-cristã: “*Eingedenken*, palavra que podemos traduzir por ‘rememoração’”, este termo está relacionado à obrigação do povo de Israel de rememorar e recordar sua libertação por lahweh, de quando estavam presos no Egito, como figura-se no “famoso versículo do Deuteronômio, 5,15: ‘Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que lahweh teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido’” (2014, p. 232). Benjamin utiliza-se da rememoração para analisar as imagens que lampejam do passado e se tornam agora no presente.

No entanto, o capitalismo inaugura um tipo de sociedade marcada pela extinção da experiência. Nos ensaios *Experiência e pobreza* e *O narrador*, Benjamin afirma que a Grande Guerra Mundial (1914-1918) marcou a extinção gradual da experiência nas sociedades modernas, visto que a experiência do choque (*Schockerlebnis*) – aqui se destaca o conceito de choque freudiano –, fez com que os indivíduos voltassem mais pobres de experiências partilháveis. As sociedades se transformaram após a Guerra Mundial, além da perda da experiência e do trauma, apresentou-se também a instabilidade econômica e política, o demasiado número de mortes, a fome e a ascensão dos regimes totalitários, como o fascismo e o nazismo. Outrora a experiência da guerra, os indivíduos iam para a escola no carro puxado a cavalos, onde a tradição era transmitida de geração para geração, seja um folclore ou algum dito popular. Já as sociedades resultantes da Guerra Mundial romperam com essa tradição abruptamente, uma vez que:

A Guerra Mundial deu início a um processo que desde então nunca mais parou. Não é verdade que no fim da guerra os homens regressavam mudos do campo de batalha? Não mais ricos, antes mais pobres de experiências partilháveis. Aquilo que, dez anos mais tarde, veio inundar a literatura sobre a guerra era tudo menos a experiência que passa de boca em boca. O que não é de estranhar, porque nunca as experiências foram

desmentidas de forma mais radical do que as estratégicas pela guerra de trincheiras, as econômicas pela inflação, as físicas pela guerra das armas pesadas, as morais pelos detentores do poder (BENJAMIN, 2020b, p. 140-141).

Demonstra que os indivíduos voltaram mais pobres de experiências partilháveis, uma vez que seus corpos minúsculos e frágeis foram lançados em uma das experiências mais monstruosas da história, desencadeando silêncio e trauma⁵ dos que regressavam. Jeanne Marie Gagnebin (2014) descreve a relação entre trauma (Freud) e choque (Benjamin), ambas corroboram a incapacidade do indivíduo de narrar determinada experiência de forma lógica, visto que:

[...] os sobreviventes que voltaram das trincheiras, muitas vezes, não conseguiam lembrar nem contar o que viveram em combate. Na mesma época, Freud devia chegar a conclusões parecidas a partir de suas observações sobre os soldados **traumatizados**, incapazes de colocar suas lembranças numa ordem simbólica; **trauma**, diz Freud, e **choque**, diz Benjamin [...], acarretam uma dupla incapacidade: a de lembrar e a de contar segundo certa ordem coerente e totalizadora, produtora de sentido (GAGNEBIN, 2014, p. 219) [Grifos do original].

Esse é novo trauma que consiste na época moderna, os indivíduos tornaram-se pobres de experiências. A guerra de trincheiras tornou-se um marco de ruptura entre as gerações, pois a forma de relatar um determinado acontecimento passou do relato de boca a boca para o mercado literário. A nova forma de miséria é oriunda ao desenvolvimento da técnica que se sobrepôs ao homem, como afirma Benjamin, deixando os homens mudos. Beatriz Sarlo (2021), afirma que o choque liquidou toda forma transmissível de experiência, de modo que,

El shock había liquidado la experiencia transmisibile y, en consecuencia, la experiencia en sí misma: lo que se vive como shock es demasiado fuerte para “el minúsculo y frágil cuerpo humano” (Benjamin 1970, 190). Los hombres mudos no pudieron encontrar una forma para el relato de lo que habían vivido, y el paisaje de la guerra sólo conservaba del pasado las nubes. Benjamin señala con precisión: “las nubes”, porque sobre todo el resto había volado el huracán de un cambio, imprevisible cuando las primeras columnas de soldados se encaminaron hacia los campos de las primeras batallas (SARLO, 2021, p. 19)

5 Em Catástrofe e Representação (2000), Arthur Netrovski e Márcio Seligmann-Silva abordam a etimologia da palavra “trauma”, a qual “deriva de uma raiz indo-européia com dois sentidos: ‘friccionar, triturar, perfurar’; mas também ‘suplantar’, ‘passar através’” (2000, p. 7). Nesse sentido, Freud ao analisar os soldados que retornaram da guerra, eram incapazes de dizer uma palavra do que vivenciaram, visto que não conseguiam lembrar, mas manifestavam lampejos *a posteriori* nos indivíduos da experiência da guerra.

No entanto, o que Benjamin quer dizer com “experiências partilháveis”? Como a metáfora que a “paisagem da guerra apenas preservou as nuvens do passado” auxilia para a compreensão da experiência? Rememorar o passado é sempre ter lampejos de imagens que sempre tem o risco de desaparecer? Estas questões levantadas demonstram que o passado para Benjamin é sempre um texto que, através da rememoração, queremos preservá-lo na “esfera da imortalidade”.

A despeito das experiências partilháveis, Benjamin inicia o ensaio *Experiência e Pobreza* (1933) com uma parábola em que um velho, no seu leito de morte, transmite aos seus filhos a informação de que existe um tesouro enterrado em seus vinhedos. No entanto, após revolverem o solo várias vezes, não encontraram nenhum vestígio. Com a chegada do outono, o vinhedo produziu mais que qualquer outro da região (BENJAMIN, 1987, p. 114). O tesouro transmitido para os filhos foi: a experiência. Este modo de experiência transmitido de geração para geração foi assolado pela guerra mundial. Nesse sentido, aparece a dicotomia da experiência em Benjamin, o esvaziamento da experiência coletiva (*Erfahrung*) para à vivência (*Erlebnis*).⁶ Após a modernização da técnica, o espaço de experiência coletivo foi gradativamente reduzido, concentrando a experiência nos indivíduos traumatizados, resultado da guerra de trincheira. Susana Kampff Lages em *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia* (2019), descreve que para que haja a existência da memória são necessárias duas experiências: a do apagamento e do esquecimento.

Se, para Benjamin, a memória é a responsável pela conservação do narrado e por assegurar sua transmissão futura, é preciso levar em consideração o que lhe permite existir: a experiência da percepção e do apagamento, ou, melhor, da neutralização das percepções por meio da vivência de **choques** tornados elementos da experiência e também pela experiência do esquecimento, isto é, pela impossibilidade de reativar conscientemente imagens do passado (LAGES, 2019, p. 140) [Grifos do Original].

O narrador é o indivíduo capaz de reavivar as experiências e de contá-las, seu objeto é a memória. Sendo capaz de reavivar a matéria e transformá-la em experiência para quem o ouve. A memória, portanto,

Fica ancorada aos fatos a que assistimos, dos quais fomos testemunhas, ou mesmo

6 Enzo Traverso em *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória* (2018), recupera em Benjamin que o “traço fundamental da modernidade reside no esgotamento da experiência transmissível (*Erfahrung*) e na primazia da experiência vivida, efêmera, fragmentada (*Erlebnis*). O passado não vive mais no presente – onde subsistia como uma relíquia secular – porque não poderia ser apropriado por meio de um processo de transmissão espontânea e quase natural de uma geração para outra” (2018, p. 408-409). Sendo a Guerra Mundial e a modernização da técnica que corroboraram para o esgotamento de qualquer experiência de outrora.

actores, e às impressões que deixaram no nosso espírito. A memória é qualitativa, singular, pouco preocupada com comparações, com a contextualização, ou com generalizações (TRAVERSO, 2012, p. 22-23).

Tal como a teia de Penélope, a memória é uma constante construção, tecida a cada dia pelas experiências e seguida pelas reflexões as quais sobrepõe/modificam as primeiras. Para Benjamin a recordação “funda a cadeia da tradição que transmite o acontecido de geração em geração. É ela o elemento artístico da épica em sentido amplo” (2020b, p. 155), o qual se concentra na narração do contador de histórias.

A rememoração é o meio pelo qual o historiador capta as imagens que relampejam do passado. A rememoração retomada por Benjamin no *Passagens-Werk*, é o fio condutor que religa a memória com o passado, o coletivo e o individual. Benjamin, em resposta a Horkheimer, defende que o passado sempre está em aberto e passível de transformações, pois:

A **história** não é apenas uma ciência, **mas igualmente uma forma de rememoração**. O que a ciência “estabeleceu”, pode ser modificado pela rememoração. Esta pode transformar o inacabado (a felicidade) em algo acabado, e o acabado (o sofrimento) em algo inacabado. Isto é teologia; na rememoração, porém, fazemos uma experiência que nos proíbe de conceber a história como fundamentalmente ateológica, embora tampouco nos seja permitido tentar escrevê-la com conceitos imediatamente teológicos [N 8, 1]⁷ [Grifos do autor].

Ao analisar o passado, o historiador deve revolver o solo inúmeras vezes, a fim de atingir o cognoscível de um dado período histórico, com vistas a captar no lampejo da imagem dialética (relação passado e presente) o agora do período, no qual mostram, as ideias, seu verdadeiro rosto. Como afirma Michael Löwy, a rememoração tem por tarefa “a construção de constelações que ligam o presente e o passado. Essas constelações, esses momentos arrancados da continuidade histórica vazia, são mônadas,⁸ ou seja: concentrados da totalidade histórica” (2005, p. 131). É a imagem dialética que promove o despertar histórico.

IMAGEM DIALÉTICA: O DESPERTAR HISTÓRICO

7 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 781.

8 “Mônada” etimologicamente surge “a partir de 1696, Leibniz lançou mão desse termo para designar a substância espiritual enquanto componente simples do universo. [...] Como tal, não pode desagregar-se e é eterna; só Deus pode criá-la ou anulá-la. [...] A totalidade da mônada é o universo” (ABBAGNANO, 2012, p. 793).

“Sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo”.
Georges Didi-Huberman, Diante do tempo

O convoluto N, intitulado “Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso”, é o âmago de sua concepção sobre a história, onde o desenvolvimento da imagem dialética sustenta suas teses. Benjamin propõe uma desconstrução da história linear, objetivando a libertação do passado pelo historiador materialista, o qual analisa as ruínas deixadas pela história. Segundo Benjamin (2018):

Tornar cultiváveis regiões onde até agora viceja apenas loucura. Avançar com o machado afiado da razão, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, para não sucumbir ao horror que acena das profundezas da selva. Todo solo deve alguma vez ter sido revolvido pela razão, carpido do matagal do desvario e do mito. É o que deve ser realizado aqui para o solo do século XIX [N 1, 4].⁹

Benjamin recorre à metáfora do arqueólogo para designar o historiador, este que procura vestígios do passado no presente, à medida em que escava, deve revolver o solo inúmeras vezes, a fim de atingir o índice de cognoscibilidade e torná-la imagem no agora. Este é o dever do historiador materialista benjaminiano, revolver o solo da história, que por sua vez, interrompe o *télos*¹⁰ e faz explodir o *continuum* da história. Por isso, o “pensamento dialético é o órgão do despertar histórico” (BENJAMIN, 2018, p. 70), onde cada época sonha-se em despertar, em romper com as amarras da história-progresso. A imagem dialética, é o cerne da epistemologia no *Passagens-Werk*, como afirma Katia Muricy (2009):

A noção de imagem dialética é a grande novidade da epistemologia exposta no livro das *Passagens*. [...] A imagem dialética é a projeção, na atualidade, das fantasias e desejos da humanidade – o encontro do Outrora e do Agora. A imagem dialética, isto é, a dialética parada, é ambivalente: é sonho e despertar, o arcaico e o atual. A tarefa do historiador é a de dialetizar essa relação, transformando a imagem arcaica ou onírica, em conhecimento (2009, p. 237).

9 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 760.

10 A concepção de *télos* ganha lugar enfático na filosofia da história através da obra *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*, de Immanuel Kant (1784). Através do *Aufklärung* (Iluminismo), Kant elabora a tese de que as nações esclarecidas atingirão o aperfeiçoamento da constituição política, ou seja, propõe a ideia de uma história universal através de um fio condutor a priori: “Uma tentativa filosófica de elaborar a história universal do mundo segundo um plano da natureza que vise à perfeita união civil na espécie humana deve ser considerada possível e mesmo favorável a este propósito da natureza” (KANT, 2016, p. 20). No entanto, nas teses *Sobre o conceito de História*, Benjamin (1940) crítica que essa ideia de *télos* foi modificada após as duas guerras mundiais, uma vez que estas desencadearam apenas catástrofes, afirmando na tese XIII um “progresso que nunca estaria concluído” (2020a, p. 17), sustentando a ideia de um progresso heterogêneo e vazio.

A imagem dialética é o salto (*sprung*) do tigre, onde a relação entre passado e presente é extraída da continuidade temporal. Essa imagem é constituída da técnica da montagem, cabendo ao historiador materialista formar os pontos dessa constelação de ideias. Sob esta óptica, Georges Didi-Huberman afirma que “sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo” (2015, p. 15), o historiador materialista ao analisar o passado deve construir sua estrutura filosófica, como um edifício, objetivando captar na imagem o agora num lampejo via processo de rememoração. Haja vista que, quando se está diante de uma imagem, precisa-se saber desejá-la, esperar, é estar diante do tempo. Onde o presente e a experiência (passado), são capturados pelo olhar. Diante uma imagem, o passado se reconfigura através da memória, ela se torna um elemento de passagem (DIDI-HUBERMAN, 2015). Benjamin caracteriza esse fato como um “despertar” ao descrever sobre a imagem dialética.

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras, a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. – Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem. Despertar [N 2a, 3].¹¹

A característica gnosiológica¹² da imagem dialética é a ruptura do tempo cronológico tradicional, o *télos* kantiano, no qual o passado lança sua luz sobre o presente, cabendo ao historiador a compreensão do passado pelos lampejos, rompendo com “a historiografia que mostrou ‘como as coisas efetivamente aconteceram’, foi o narcótico mais poderoso do século” [N 3, 4].¹³ Benjamin, com a análise da imagem, quis demonstrar outra característica da História: a relação entre o passado e o presente, onde o agora surge no lampejo, formando uma constelação.

O caráter que vai distinguir as imagens é o seu “índice histórico”.¹⁴ Benjamin

11 BENJAMIN, Walter. Passagens. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 766-777.

12 Por gnoseologia entende-se a totalidade do conhecimento. No *Diccionario de Filosofia*, Walter Brugger (1969) afirma que a gnoseologia, “*compreende tanto las investigaciones psicológicas sobre la producción y esencia del conocimiento humano como las investigaciones críticas acerca de su validez. Incluso puede atribuírsele una metafísica del conocimiento que estudie el conocer humano en el contexto total del ente*” (1969, p. 231) [Grifos do original]. O caráter gnosiológico da imagem dialética se apresenta como “experimentos da linguagem capazes de apresentar-se como um conhecimento instantâneo” (MURICY, 2009, p. 12), isto é, são os desejos da humanidade apresentadas na atualização do encontro entre o outrora e o agora.

13 BENJAMIN, Walter. Passagens. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 769.

14 A divergência que Benjamin retrata é em relação a fenomenologia de Heidegger. Este,

denominará cognoscibilidade a apresentação desses fenômenos, isso significa, os fragmentos que se tornam visíveis ao historiador materialista. Nesse agora, os fenômenos mostram seu rosto verdadeiro. A imagem em sua mobilização, apresenta o ponto de ruptura, o despertar da civilização. Benjamin define o índice histórico e a imagem dialética, como:

O índice histórico das imagens, diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. E atingir essa “legibilidade” constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele, a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (Esta explosão, e nada mais, é a morte da *intentio* [intenção], que coincide com o nascimento do tempo histórico autêntico, o tempo da verdade.) [...] Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade [N 3, 1].¹⁵

Este fragmento demonstra o âmago da imagem dialética, cabendo ao historiador materialista recuperar o “agora” de uma dada época, tornar o objeto de estudo legível, rompendo com o progresso natural. Esta tarefa só se torna possível quando reconhece o “agora” de cada cognoscibilidade. Benjamin está preocupado com a atualidade de cada passado, mas esse processo é realizado via “recordação” ou “rememoração” (*Eingedenken*). Para tanto, em *Melancolia de Esquerda*, Enzo Traverso (2018) afirma que:

Recordar pode ter uma função redentora, porém resgatar o passado não significa reapropriar ou recuperar o que ocorreu e desapareceu; mais que isso, significa **mudar o presente**. A transformação do presente carrega uma possível “redenção do passado” Em outras palavras, para salvar o passado temos que dar vida novamente às esperanças dos vencidos, dar nova vida às esperanças não realizadas das gerações que nos precederam (TRAVERSO, 2018, p. 459) [Grifos do original].

Como afirma Reyes Mate, a “memória é salvação do passado no presente”

acreditava Benjamin, analisava a história de modo abstrato. A título de exemplo, Heidegger afirma que a historicidade se encontra no interior do *Dasein* (Ser-aí), no momento que é des-velado no mundo: “[...] Não é na historiografia enquanto ciência da história que se deve buscar a história, mesmo que o modo científico e teórico de tratar o problema da ‘história’ não vise apenas a um esclarecimento ‘epistemológico’ (*Simmel*) da apreensão histórica, nem a uma lógica da construção conceitual da exposição histórica (*Rickert*), orientando-se igualmente pelo ‘lado do objeto’, mesmo assim, nesse tipo de questionamento, a história só se faz acessível, em princípio, como objeto de uma ciência. [...] É somente a partir do modo de ser da história, a historicidade, e de seu enraizamento na temporalidade que se poderá concluir de que maneira a história pode tornar-se objetivo possível da historiografia” (HEIDEGGER, 2015, p. 466-467) [Grifos do autor]. Benjamin rompe essa concepção abstrata, pois defende que o índice histórico das imagens se torna legível em uma determinada época, atingindo sua legibilidade no lampejo do encontro entre o passado e o presente, interrompendo a continuidade temporal (BENJAMIN, 2018).

15 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 768.

(MATE, 2011, p. 141), mas essa salvação necessita de um traço em comum que as reúne na constelação de ideias, apropriando-se das reminiscências “tal como ela relampeja no momento de perigo” (BENJAMIN, 1987, p. 224). Logo, a imagem dialética deve ser compreendida no fluxo do devir, fazendo-se necessário o desenvolvimento do maior volume de opostos (ideias) se reunirem em uma imagem, de modo que a dialética permanecesse constantemente aberta para a renovação, haja vista que,

Neste contexto de indecibilidade, onde as diferenças ainda não foram subsumidas, a dialética se paralisa em uma imagem por um instante, e é esta imagem fulgurante que precisa ser apreendida e apresentada, preservando a sua característica essencial de continuar sendo imagem (MATTOS, 2019, p. 28).

Essa paralisia da dialética é, sobretudo, o instante petrificado pelo olhar de Górgona,¹⁶ que “transforma em imagem as coisas arrancadas ao tempo” (TIEDEMANN, 2018, p. 41), sobre a *facies hippocratica* da história. A experiência e o agora se apresentam como um lampejo para formar a constelação, tornar-se cognoscível. O olhar do historiador se assemelha as faces de Janus, o qual vê as mesmas coisas ao se direcionar para o passado e para o presente. De acordo com Seligmann-Silva, “o passado é lido como um texto o é – mas ele só se abre para a leitura num ‘agora’ determinado. Não apenas não existe conhecimento desenraizado do seu tempo, mas o próprio objeto desse saber deve mirar o presente para ser ‘conhecido’” (1999, p. 152), este que Benjamin vai denominar de tempo-de-agora, onde apresenta-se a cognoscibilidade do índice histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os escritos de Benjamin é analisar o ambiente socio-histórico em que se estava inserido, a ascensão do nazifascismo e a eclosão de duas guerras mundiais na primeira metade do século XX, o qual Eric Hobsbawm denominou de “era dos extremos” e Henry Rousso descreveu como “era das catástrofes”. Estes acontecimentos subjacentes ao avanço técnico-material promoveram uma dupla cicatriz na modernidade. Por um lado, o esvaziamento das experiências partilháveis, por outro, o trauma e o silenciamento. Benjamin,

16 Na mitologia grega havia três Górgonas, denominadas de Esteno, Euríale e Medusa, as três eram filhas de duas divindades marítimas, Fórcis e Ceto. O nome Górgona é, majoritariamente, atribuído a Medusa. Segundo a mitologia, Medusa era conhecida por transformar em pedra todos que olhavam diretamente nos olhos, como afirma Pierre Grimal: “A sua cabeça estava rodeada de serpentes, que tinham grandes presas, semelhantes às de javalis [...]. Os seus olhos eram cintilantes e o seu olhar tão penetrante que quem quer que o visse era transformado em pedra. Eram objeto de horror e de amedrontamento não só para todos os mortais como para os imortais” (GRIMAL, 2005, p. 187-188).

através da rememoração, demonstra uma nova ideia de analisar o passado, através da imagem dialética.

Diante o exposto, o presente artigo teve como objetivo analisar como se caracteriza o conceito de rememoração e a relação com a imagem dialética, esta que é o amálgama entre passado e presente, captando o agora de cada passado. Logo, a problemática suscitada no artigo: Será a rememoração capaz de operar como uma redenção da tradição histórica? Pode ser analisada por meio de vários conceitos benjaminianos – por exemplo, os conceitos de origem e de alegoria –, mas optamos pelo viés da imagem dialética.

Portanto nossa hipótese, de que a rememoração é a categorização de imagens que lampejam do passado, de modo que o historiador possa ser capaz de conectá-las transformando em cognoscibilidade, em atualização da imagem do passado em tempo-de-agora (*Jetztzeit*), pode ser comprovada através da constelação nos ensaios benjaminianos, perpassando desde *A Imagem de Proust* (1929) às teses *Sobre o conceito de história* (1940). Como afirma Benjamin, “[pois] o momento destrutivo na historiografia materialista deve ser entendido como reação a uma constelação de perigos que ameaça tanto o objeto da tradição quanto seus destinatários” [N 10a, 2],¹⁷ dessa forma, a rememoração é atualização do passado no presente.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *A Imagem de Proust*. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 36-49.

BENJAMIN, Walter. Escavar e recordar. In: *Imagens de Pensamento: Sobre o haxixe e outras drogas*. Edição/Tradução: João Barrento (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 101.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 119-114.

BENJAMIN, Walter. N – Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso. In: *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 759-808.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Edição/Tradução: João Barrento (Org.). 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Linguagem, tradução, literatura*. Edição/Tradução: João Barrento (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 139-166.

17 BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 787.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-232.

CANTINHO, Maria João. A Teia de Penélope e o Anel da Tradição: Cultura e rememoração na obra de Walter Benjamin. *Philosophica*, v. 46, Lisboa, 2015, p. 79-95. Disponível em: <http://revistaphilosophica.weebly.com/2015.html>. Acesso em: 5 jun. 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A história da arte como disciplina anacrônica. In: *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 15-70.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Rememoração: In: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 179-264.

GNOSEOLOGÍA. In: BRUGGER, Walter. *Diccionario de Filosofía*. 6. ed. Traducción: José María Vélez Cantarell. Barcelona: Editorial Herder, 1969. p. 231-233.

GÓRGONA. In: GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5. ed. Tradução: Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 187-188.

HEIDEGGER, Martin. Temporalidade e Historicidade. In: *Ser e Tempo*. 10. ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. p. 453-497.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. 4. ed. Ricardo R. Terra (Org.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

LAGES, Susana Kamff. Entremeio: A melancolia em Walter Benjamin – Traços. In: *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. p. 99-159.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2011.

MATTOS, Manuela Sampaio de. Sobre a Teoria do Conhecimento nas Passagens de Walter Benjamin – Sujeito em desagregação. *Revista Veritas*. Porto Alegre, v. 64, n. 3, jul./set. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/34639>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MÔNADA. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 793.

MURICY, Katia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

ROUANET, Sérgio Paulo. Do Trauma à atrofia da experiência. In: *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981. p. 44-84.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SARLO, Beatriz. Relato, historia y memoria. *rth |*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 17–32, 2021.



Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/71193>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo: Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Willi Bolle (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2018.

TRAVERSO, Enzo. História e memória: uma dupla antinômica? In: *O passado, modos de usar história, memória e política*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012. p. 21-54.

TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin: uma biografia*. Tradução: Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em 10/09/2022

Aprovado em 24/11/2022